

**UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO**

**CAROLINA CREPALDI HITO**

**ASPECTOS SOCIOCULTURAIS E IDEOLÓGICOS DE  
TRÊS TRADUÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA DA  
SEGUNDA CARTA A TIMÓTEO (CAPÍTULO 4:1, 3, 4, 6,  
7, 10 e 17)**

BAURU  
2018

**CAROLINA CREPALDI HITO**

**ASPECTOS SOCIOCULTURAIS E IDEOLÓGICOS DE  
TRÊS TRADUÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA DA  
SEGUNDA CARTA A TIMÓTEO (CAPÍTULO 4:1, 3, 4, 6,  
7, 10 e 17)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Letras - Tradutor, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Cinthia Maria Ramazzini Remaeh.

BAURU  
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo  
com ISBD

H674a	<p>Hito, Carolina Crepaldi</p> <p>Aspectos socioculturais e ideológicos de três traduções em Língua Portuguesa da Segunda Carta a Timóteo (4:1, 3, 4, 6, 7, 10 e 17) / Carolina Crepaldi Hito. -- 2018. 33f. : il.</p> <p>Orientadora: Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Cinthia Maria Ramazzini Remaeh.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Tradutor) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP</p> <p>1. Texto sagrado. 2. Tradução. 3. Primeira Carta de Paulo a Timóteo. I. Remaeh, Cinthia Maria Ramazzini. II. Título.</p>
-------	---

**CAROLINA CREPALDI HITO**

**ASPECTOS SOCIOCULTURAIS E IDEOLÓGICOS DE TRÊS  
TRADUÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA DA  
SEGUNDA CARTA A TIMÓTEO (CAPÍTULO 4:1, 3, 4, 6, 7, 10 e  
17)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Letras - Tradutor, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Cinthia Maria Ramazzini Remaeh.

Bauru, 05 de dezembro de 2018.

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Cinthia Maria Ramazzini Remaeh  
Universidade do Sagrado Coração

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Viana Bellan  
Universidade do Sagrado Coração

---

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Cássia Pardo Fanton  
Universidade do Sagrado Coração

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por seu filho, Cristo Jesus, que por amor a mim, foi morto em uma cruz pagando um alto preço para me justificar e salvar. Por ter guiado tudo conforme sua santa e perfeita vontade para que todas as coisas fossem realizadas para honra e glória do seu santo e bendito nome.

A Deus, por ter dado sabedoria ao Apóstolo Paulo para que, por intermédio dele, pudéssemos aprender e lembrar que devemos sempre manter nossos olhos fixos em Cristo.

A Deus, pela vida da orientadora Cinthia Maria Ramazzini Remaeh e pela sabedoria e paciência que deu a ela durante esse processo; pelas correções e incentivos que despertaram em mim o desejo pela pesquisa e me trouxeram um aperfeiçoamento tanto profissional, quanto espiritual.

A Deus pela vida da minha família que foi compreensiva e amorosa, estimulando-me, ajudando e orando sempre por mim durante esse tempo todo.

“Que as palavras da minha boca e a meditação do meu coração sejam agradáveis a ti, SENHOR, minha Rocha e meu Resgatador” Sl. 19:14. (NVI, 2003, p. 589)

“Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé.” 2Tm. 4:7 (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 2078)

## RESUMO

Sendo hoje o livro mais lido, segundo o Portal do Governo (BIBLIOTECA, 2013), e com milhares de cópias em diversas línguas, a Bíblia está sujeita a críticas positivas ou negativas quanto ao modo como foi traduzida. Diante das diversas traduções que existem da mesma, surgem algumas questões como: as escolhas lexicais realizadas pelos tradutores 'bíblicos' em Língua Portuguesa seriam de caráter literal ou sofreriam influências socioculturais? Caracterizar-se-iam por uma mescla de ambos os estilos tradutórios ou um deles predominaria? Segundo pesquisa da Sociedade Bíblica do Brasil (AS ESCRITURAS..., 2016), ela já foi traduzida para mais de 2900 idiomas, além das revisões ortográficas realizadas em edições mais antigas. Sendo a tradução muito mais do que a transposição de um idioma para o outro, o tradutor 'bíblico' tem sob sua responsabilidade um texto considerado por aqueles que creem nas santas Escrituras, atemporal e com diversos aspectos culturais específicos de um povo antigo. Assim, a presente pesquisa bibliográfica, com documentação indireta, realizou uma análise comparativa das variações lexicais da Segunda Carta de Paulo a Timóteo, utilizando o capítulo quatro os versículos primeiro, terceiro, quarto, sexto, sétimo, décimo e décimo sétimo, com o intuito de verificar a predominância ou equivalência de determinados estilos tradutórios, sendo esses, literal ou livre. Para tanto, verificou-se as escolhas realizadas pelos tradutores das seguintes Bíblias: Almeida Corrigida Fiel (BÍBLIA, 2011), Nova Versão Internacional (1ª ed. 2003) e a Bíblia de Jerusalém (2002). Durante a análise, foi possível notar que as traduções da carta utilizada como objeto de estudo nas Bíblias - Almeida Corrigida e Fiel, Nova Versão Internacional e Bíblia de Jerusalém -, empregaram de modo razoavelmente equilibrado, tanto a equivalência formal como a dinâmica propostas por Nida (1964), mesmo que com públicos-alvo diferentes. Entretanto, a NVI, entre as Bíblias analisadas, é a que mais utiliza a equivalência dinâmica, já que procura equivalente na tradução para que o texto traduzido soe naturalmente na língua de chegada.

**Palavras-chave:** Texto sagrado. Tradução. Segunda Carta de Paulo a Timóteo.

## ABSTRACT

Considered nowadays the most read book, according to the Portal do Governo (2013), and with thousands of copies in many different languages, the Bible is subject to positive or negative criticism as the way it was translated. In face of its different translations existent, some issues appeared: would the lexical choices made by the 'biblical' translators in the Portuguese Language be literal nature or it would have some sociocultural influences? Would it be characterized by a combination of both procedures of translation or one would predominate? In a research done by the publisher Sociedade Bíblica do Brasil (2016), the Bible was already translated to more than 2900 languages, besides the spelling check done in older editions. Since the translation is more than a transposition from one language to another, the 'biblical' translator has as his own responsibility a text that is considered by those who have faith in the Holy Bible timeless and with different culture-specific aspects of an ancient people. Therefore, this bibliographic research with indirect documentation, will be doing a comparative analyse os the lexical variation of the fourth chapter, the verses one to eighteen, of the "Second Letter of Paul to Timoty" in a search to verify the predominance or equivalence of certain translation's procedure, such as literal or free. For this purpose, the translator's choices will be verified in the following Bibles: Almeida Corrected and Faithful (2011) (Almeida Corrigida Fiel), New International Version (2003) and The Jerusalem Bible (2002). Thus, this research becomes relevant, since it proposes to contribute to the enrichment of the translation activities and to the professional formation of the translation. During the analysis, it was possibe to note that the translations of the letter used as object of study in the Bibles - Almeida Corrected and Faithful (Almeida Corrigida Fiel), New International Version and The Jerusalem Bible -, used in a reasonably balanced way, both formal and dynamic equivalence propoced by Nida (1964), even though their different's target audience. However, the NIV, between the analysed Bibles, is the one that most uses the dynamic equivalence, since it looks for equivalent in the translation so that the translated text sounds naturally in the target language.

**Keywords:** Sacred text. Translation. Second Letter of Paulo to Timoty.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACF	Almeida Corrigida Fiel
BJ	Bíblia de Jerusalém
LO	Língua Original
NVI	Nova Versão Internacional
TLO	Texto na Língua Original
TLT	Texto na Língua da Tradução

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2</b>	<b>DESENVOLVIMENTO</b> .....	16
2.2	OBJETIVOS.....	22
2.2.1	<b>Objetivo Geral</b> .....	23
2.2.2	<b>Objetivos Específicos</b> .....	22
2.3	METODOLOGIA .....	22
2.4	ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	24
<b>3</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	29
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	31

## 1 INTRODUÇÃO

Em 1712, chegam ao Brasil diversos exemplares do Evangelho de Mateus traduzidos por Almeida impressos em Amsterdã. Por imposição da Coroa Inglesa, houve a abertura comercial da colônia, a qual viabilizou a vinda da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, que tinha caráter missionário para o Brasil. Essa instituição produziu, em 1809, cerca de 12 mil cópias do Novo Testamento traduzido por Almeida em 1773. No ano de 1819, a primeira Bíblia completa, com o Antigo e o Novo Testamento, foi trazida para cá.

Sendo hoje o livro mais lido, segundo o Portal do Governo (2013) e com milhares de cópias em diversas línguas, a Bíblia está sujeita a críticas positivas ou negativas quanto ao modo como foi traduzida. Segundo pesquisa da Sociedade Bíblica do Brasil (2016), ela já foi traduzida para mais de 2900 idiomas, além das revisões ortográficas realizadas em edições mais antigas.

Originalmente, foi escrita em hebraico, aramaico (Antigo Testamento) e grego (Novo Testamento). Para realizar uma tradução da Bíblia é possível utilizar dois tipos de texto, o Recebido e o Crítico. O primeiro se refere a toda impressão e compilação dos manuscritos gregos do Novo Testamento, enquanto o segundo são textos baseados nos manuscritos alexandrinos, do Sinai e do Vaticano, possuindo amplas divergências com o Texto Recebido, como a omissão de palavras, versículos e passagens.

Sua importância histórica, cultural, religiosa e a necessidade de difundir seus ensinamentos a todos os povos tornaram a produção das traduções da Bíblia imprescindíveis e imbuíram ao tradutor uma grande responsabilidade. Sendo a tradução muito mais do que a transposição de um idioma para o outro, o tradutor 'bíblico' tem sob sua responsabilidade um texto considerado, por aqueles que creem nas santas Escrituras, atemporal e com diversos aspectos culturais específicos de um povo antigo.

Em pesquisa realizada sobre as traduções bíblicas em um programa televisivo chamado "Vejam só" (2016), as pessoas que frequentam livrarias religiosas na rua conhecida como Rua do Crentes, foram questionadas sobre qual tradução usavam da Bíblia e se preferiam uma tradução mais fiel<sup>1</sup> ou aquelas que

---

<sup>1</sup> São Jerônimo (p. 437-438) afirma que "um tradutor não devia sentir-se obrigado a produzir uma transcrição palavra por palavra; bastava traduzir o significado.", sua frase demonstra que uma tradução fiel é definida pelas

facilitam a leitura e o entendimento dos textos. A maioria das pessoas entrevistadas respondeu que liam a tradução Almeida Revisada e Atualizada por darem preferência a uma versão mais próxima do original, por uma questão de fidelidade.

Diante disso, passamos a refletir a respeito da dicotomia de livre e literal. A questão da fidelidade aos manuscritos originais desse livro, sua importância, grau de dificuldade, responsabilidade do tradutor ao trabalhar com os textos sagrados e as questões tradutórias que envolvem a Bíblia, surgindo, então, as seguintes indagações: as escolhas lexicais realizadas pelos tradutores 'bíblicos' em Língua Portuguesa seriam de caráter literal ou teriam sofrido influências socioculturais? Caracterizar-se-iam por uma mescla de ambos os estilos tradutórios ou um deles predominaria?

Segundo José Pinheiro de Souza, em seu artigo *Teorias da Tradução: Uma visão integrada* (1998, p. 2), a tradução é um termo “polissêmico e pode significar (a) o produto, ou seja, o texto traduzido; (b) o processo do ato tradutório; (c) o ofício (a atividade de traduzir); ou (d) a disciplina (o estudo interdisciplinar e/ou autônomo)”.

Como observamos, sua conceituação poderá ser definida conforme a perspectiva do teórico de tradução que tomemos por referência, existindo diversos posicionamentos quanto às teorias, que podem ser desde um posicionamento mais radical a apenas alguns aspectos divergentes entre si.

Ansiando pela preservação de uma tradução fiel<sup>1</sup> dos textos originais, discussões sobre os métodos utilizados para traduzir a Bíblia começaram a surgir. Alguns diziam traduzir de modo mais literal, que segundo o autor Aubert (1987), é o estilo que mantém a fidelidade semântica, apenas realizando adequações às normas gramaticais da língua de chegada, o que faz este estilo tradutório ser limitado pelo original. Segundo o teórico Peter Newmark (1988, p. 90), “a tradução literal é correta e não deve ser evitada, uma vez que assegure a equivalência referencial e pragmática em relação ao original.” Existem quatro teóricos que também definem a tradução literal, sendo eles Vinay e Darbelnet (1977, citado por AUBERT, 1987), Catford (1965/1980, citado por AUBERT, 1987) e Aubert (1987). O primeiro afirma que a tradução literal deve ser realizada quando a língua original e a língua traduzida apresentam semelhanças ou são da mesma família, e quando a mensagem da língua original consegue ser totalmente passada para a mensagem

---

equivalências existentes entre a língua original e a língua traduzida, sendo que o ato de traduzir requer reflexão consciente. Segundo Arrojo (2000), a tradução fiel é aquela que busca manter o sentido do texto original no texto traduzido. Ela também afirma que é impossível para o tradutor ser totalmente invisível em seu trabalho.

da língua traduzida. O segundo teórico apresenta a tradução literal como uma não limitada, em que as equivalências são utilizadas conforme surgem problemas na tradução e, ao mesmo tempo, limitada à forma das frases, pois esse procedimento é realizado por meio da tradução palavra-por-palavra, que preserva as categorias das palavras e a ordem sintática, mas também realiza as alterações que a língua traduzida requer. Considera, ainda, esse estilo tradutório como aquele “em que se mantém uma fidelidade semântica estrita, adequando, porém, a morfossintaxe às normas gramaticais da língua traduzida.” (AUBERT, 1987, citado por BARBOSA, 2004, p. 65). Outros teóricos, como por exemplo, Cícero, um dos principais teóricos da antiguidade, e São Jerônimo, um monge que recebeu a missão de traduzir a Bíblia para o Latim, defendem a tradução livre, um estilo que preza pela tradução do sentido, não sendo limitada pelo original. Na tradução de textos sagrados, porém, uma tradução livre pode ser considerada como infiel e herética.

Nida (1964), um dos maiores nomes da tradução bíblica e da linguística, também escreveu sobre a teoria e a prática da tradução. O autor busca propor uma teoria que traga uma maior equivalência entre o texto original e o texto traduzido. Para isso é necessário analisar a mensagem do texto original e o objetivo do seu autor, o objetivo da tradução e do tradutor e do público-alvo, tanto do texto original quanto do texto traduzido. Assim, ele descreve dois fundamentos de equivalentes tradutórios, a equivalência formal e a dinâmica. A primeira está direcionada para a forma no conteúdo do texto original, preocupando-se em “manter a correspondência estilística, a correspondência de frase para frase e de conceito para conceito entre o texto na língua original e o texto na língua da tradução.” (BARBOSA, 2004, p. 34). Enquanto a equivalência dinâmica procura equivalentes que tragam para a língua traduzida uma naturalidade nas expressões do texto original, produzindo um valor cultural igual ou semelhante ao do texto original para o texto traduzido.

As teorias apresentadas acima são de grande importância para a história da tradução da Bíblia. E para que as equivalências sejam utilizadas, é necessário que o tradutor tenha o conhecimento não apenas da língua, mas também do contexto em que o texto original foi escrito. Para o desenvolvimento do presente estudo e um melhor entendimento dos motivos que levaram o Apóstolo Paulo a escrever a Segunda Carta a Timóteo (objeto deste estudo), é necessário ter uma visão geral do seu contexto.

Nascido em Listra, na Galácia, Timóteo morava com seus pais e sua avó. Eunice e Lóide, a mãe e a avó do jovem, que foram convertidas por Cristo quando Paulo fez sua primeira viagem missionária a Listra, ensinaram-no conforme as Escrituras Judaicas, e quando Paulo voltou uma segunda vez em sua cidade, decidiu levar Timóteo em suas viagens missionárias.

De um modo geral, a Segunda Carta de Paulo a Timóteo trata sobre a sã doutrina, a graça de Deus, a fidelidade de Cristo, a eleição, a inspiração divina das Escrituras, a reafirmação da ressurreição de Cristo e sua segunda vinda. Paulo também escreve que estava disposto a sofrer pelo Evangelho e pelos eleitos, estava convicto da sua fidelidade a Cristo e, portanto, confiou que o Senhor o livraria de todos os sofrimentos por meio da morte e assim, ele poderia viver eternamente com seu amado Mestre.

Paulo escreve que mesmo sabendo que sua hora estava chegando e que ele morreria por amor a Cristo e por pregar seu Evangelho, não se envergonhava disso, ao contrário, para ele, suas tarefas já estavam quase concluídas. Ele aguardava sua coroa da justiça que lhe seria dada por Cristo Jesus, mostrando que seu prêmio valia muito mais do que qualquer coisa terrena.

O modo como Paulo escreve sobre suas adversidades faz com que os leitores sintam a dor que ele sentiu quando foi abandonado. Suas palavras aquecem o coração dos leitores, fazendo com que eles reflitam sobre o que leram e se identifiquem ou não com o que ele escreve. Cada leitor terá uma conexão e reação diferente ao ler o texto. Uns poderão se identificar com o que foi falado e se fortalecer com as palavras do Apóstolo e outros poderão, mesmo passando por momentos de tranquilidade, aplicar a suas vidas a fé e a confiança em Deus. Então, posto que o texto pode causar reações diferentes em cada leitor, tanto a carta de Timóteo como toda a Bíblia, são considerados textos sensíveis.

Segundo Mariu Moreira Lopes (2008), a sensibilidade de um texto evidencia-se quando o discurso assume diversos sentidos. O sentido do texto será definido conforme a relação da pessoa que está lendo com o seu contexto. Gohn (2001, p. 149) resume essa sensibilidade, dizendo:

Se colocados diante da questão sobre o que é, afinal, um texto sensível, poderíamos responder, como já foi dito, que a sensibilidade de um texto não está nele, mas na forma como o texto é visto. A sensibilidade não é, portanto, uma prioridade imanente ao texto.

Desse modo, o objetivo do presente estudo é comparar as variações lexicais da Segunda Carta de Paulo a Timóteo, utilizando o capítulo quatro os versículos primeiro, terceiro, quarto, sexto, sétimo, décimo e décimo sétimo, com o intuito de verificar a predominância ou equivalência de determinados estilos tradutórios, sendo esses literal ou livre. Analisando, portanto, as escolhas realizadas pelos tradutores de cada uma das Bíblias utilizadas na pesquisa, utilizaremos a tradução Almeida Corrigida Fiel (2ª ed. 2011) e a Nova Versão Internacional (1ª ed. 2003), as mais utilizadas por evangélicos protestantes, e a Bíblia de Jerusalém (1ª ed. 2002), a qual é utilizada para estudo, independente da religião professada pelo leitor.

Faz parte da profissão do tradutor compreender as razões das escolhas lexicais em uma tradução, assim como é relevante a contribuição para o enriquecimento dos estudos das atividades tradutórias e, por isso, consideramos que esta proposta de pesquisa contribuirá com a formação do profissional dessa área.

## 1 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 REVISÃO DE LITERATURA

A importância da função exercida pelo tradutor está em seu trabalho de unir culturas, o qual, muitas vezes, tem características bastante divergentes. Durante o processo de tradução, o profissional deverá fazer escolhas entre uma ou mais possibilidades, conforme o objetivo do material original e a cultura em que ele será introduzido, e deve fazer isso sem criar ou alterar o significado e o sentido do original.

Tal circunstância tem gerado incontáveis debates entre os estudiosos do universo tradutório sobre a invisibilidade do tradutor ao realizar seu trabalho. Discutem se seria possível o profissional deixar de lado a interpretação que fez do material traduzido, deixando de lado a influência de sua cultura e suas ideias. O teórico Heidermann (2001, p. 53) defende que é “impossível que a linguagem do tradutor possa ter a mesma estrutura da de seu autor o tempo todo”. Venuti (2002, p.112), por sua vez, afirma que a tradução é uma “produção ativa de um texto que se assemelha ao original, mas que mesmo assim o transforma e que sofre intervenção ativa do tradutor.”

Assim, diversas teorias e métodos foram escritos para auxiliar o tradutor em seu ofício. A relação e a dicotomia dos estilos tradutórios livre e literal realizada por séculos requer muitos estudos daqueles que se dedicam à tradução. No livro *Procedimentos Técnicos da Tradução*, Barbosa (2004) afirma que a tradução literal é aquela em que “se mantém uma fidelidade semântica escrita, adequando-a, porém, em termos de morfossintaxe, às normas gramaticais do TT”. Apresenta também, a proposta teórica de alguns autores sobre o assunto. Começando com o modelo de Vinay e Darbelnet (1977, citado por AUBERT, 1987), a técnica tradutória divide-se em dois eixos: a tradução direta, considerada tradução literal, com maior possibilidade de utilização quando há semelhanças entre as duas línguas e se a mensagem da língua original pode ser passada para a mensagem da língua traduzida; e a tradução oblíqua, que se aproxima da tradução livre, sendo “aquela que utiliza recursos lexicais ou sintáticos diversos daqueles empregados no texto da

LO<sup>2</sup> (doravante TLO<sup>3</sup>), quer dizer, que altera a forma, mas sem alterar o conteúdo, ou a mensagem." (BARBOSA, 2004, p. 24).

Há também os teóricos que defendem a tradução livre. Sustentam que para manter o sentido do texto original, não é necessário utilizar apenas os equivalentes literais do texto original, e sim, utilizar as estruturas semânticas e sintáticas da língua traduzida para passar o sentido do texto original. Para definir a tradução literal e livre, Barbosa (2004, p.79) diz que “um desses eixos prioriza a forma do TLO sobre o conteúdo desse texto e a forma do TLT, e que o outro prioriza o conteúdo do TLO e do TLT<sup>4</sup> sobre a forma do TLO e do TLT”. E Newmark (1988) afirma que a literalidade é o princípio de uma tradução e que ela não deve ser utilizada apenas quando não é exata.

Segundo o referido autor, para escolher um estilo tradutório, deve ser levada em conta a função da linguagem que está no texto e sua finalidade. Para a tradução de textos sagrados, por exemplo, deve-se considerar a sua sensibilidade e, para muitos, tais escritos são a voz do próprio Deus influenciando as normas e regras de comportamento dos homens, além de terem um valor emocional.

A sensibilidade é a capacidade que o ser humano tem de sentir e perceber o mundo sendo influenciado por suas experiências de vida. Existem dois tipos de pessoas que são sensíveis à questão literária: as que aceitam diferentes formas de expressão quanto ao texto sagrado e as consideradas mais conservadoras. Ambos são considerados leitores sensíveis, pois é certo que um mesmo texto pode causar diferentes reações e emoções dependendo do seu leitor.

Lopes (2008) aborda a questão da sensibilidade, segundo o teórico Simms (1997) e a teoria funcionalista de Halliday (1979, citado por LOPES, 2008) e Halliday e Hasan (1989, citado por LOPES, 2008), afirmando que a linguagem depende do contexto para adquirir significado, sendo a questão contextual-situacional relevante para o significado de um texto. Assim, é resultado de “um encontro semiótico mediante o qual os significados que constituem o sistema social são compartilhados” (HALLIDAY; HASAN, 1989, citado por LOPES, 2008). Em outras palavras, como os indivíduos são significadores, “alguém que significa” (HALLIDAY; HASAN, 1989, citado por LOPES, 2008) o compartilhamento desses significados origina o texto. Desse modo, o texto não deve ser observado apenas como correspondências

---

<sup>2</sup> Língua Original.

<sup>3</sup> Texto na Língua Original.

<sup>4</sup> Texto na Língua da Tradução.

estruturais e semânticas, mas ser observado também em seus aspectos de recepção para aqueles que vão lê-lo, bem como de sua produção, a fim de que seja estabelecido um elo entre o conteúdo, os indivíduos e o texto. Lopes (2008), também afirma que a finalidade do texto bíblico é transmitir o original de uma forma que o leitor tenha uma maior facilidade em entender a mensagem desses escritos.

A definição de textos e

(...) a percepção de um texto como 'sensível' pode mudar a qualquer momento. Não somente isso, mas também a natureza de sua sensibilidade pode mudar de tempo a tempo, de lugar a lugar. (SIMMS, 1997, citado por LOPES, 2008, p.27).

Gohn (2001, p. 149) afirma “que a sensibilidade de um texto não está nele, mas na forma como o texto é visto”.

Simms (1997) aborda a linguagem sobre um ponto de vista sociosemiótico, considerando os conceitos de denotação e conotação. Segundo o autor, para interpretar é necessário entender que os homens estão inseridos em contextos que causam a diversidade de sentidos da linguagem e não somente o estabelecimento de correspondências entre uma palavra e um objeto, como a denotação apresenta. A conotação é quando uma palavra ou texto pode assumir diversos sentidos, dependendo da situação em que for utilizada. Simms (1997) afirma que a potencial sensibilidade de um texto depende do contexto em que a linguagem é inserida. Portanto a sensibilidade não provém do texto em si, mas das relações situacionais a que são submetidas. O autor também defende que as reações do público não são diretamente causadas pelo texto, e sim pela relação que ele tem com o contexto. Assim, Simms (1997) afirma que os textos relacionados ao Estado, religião, pudor ou aos cidadãos comuns podem ser vistos como textos sensíveis.

Gohn (1999, p.149) afirma que

Aplicando-se os critérios de Simms, diremos que os textos sagrados são sensíveis porque eles são passíveis de suscitar objeções por motivos ligados à religião. Há de se reconhecer, assim, que algumas coisas de peculiar existem em relação a sua tradução. O que se observa com esse tipo de texto é um grande envolvimento emocional por parte dos usuários e até reações extremadas por parte dos ouvintes/leitores podem ser esperadas e têm acontecido na história da tradução, se pensarmos, por exemplo, nos tradutores da Bíblia que perderam a vida por terem vertido dessa ou daquela forma o texto sagrado.

Os textos sagrados indicam sua sensibilidade conforme o envolvimento afetivo dos que creem em tais textos.

Simms (1997), por sua vez, afirma que os textos sagrados apresentam muitos problemas de sensibilidade. O teórico relembra o trabalho de Eugene Nida (1964), muito conhecido por seus trabalhos no estudo da tradução bíblica, que trouxe os modelos de equivalência formal e dinâmica. Simms (1997) evidencia a funcionalidade do texto bíblico, a necessidade de manter, na língua traduzida, a função que o texto original tem em sua língua.

Nida (1964) afirma, ainda, que a tradução é um “ato comunicativo”. Desse modo, a mensagem do original teria seus sinais linguísticos identificados e interpretados pelo tradutor e transferido para uma mensagem na língua traduzida. Logo, para que a tradução possa ser realizada, o autor acredita que a natureza da mensagem, o objetivo do autor e do tradutor e o público-alvo do original e da tradução devem ser considerados. O autor também questiona a excessiva utilização da tradução literal, que para ele, não permite a eficiência na comunicação e, por isso, critica a falta de clareza das traduções bíblicas para os leitores modernos. Chagas (2006) afirma, segundo Coseriu (citado por CHAGAS, 2006), que a língua está sendo constantemente recriada e que “ela está sujeita a alterações nessa recriação”. Essas recriações são resultado das necessidades da fala, tornando-se assim mais compreensível e acessível. Dependendo das mudanças linguísticas que ocorrerem na língua falada, o texto escrito pode tornar a compreensão difícil para seus leitores.

Para escrever suas teorias, Nida (1964) busca auxílio na gramática gerativa-transformacional de Chomsky (citado por BARBOSA, 2004) e considera a língua como “um mecanismo dinâmico, capaz de gerar uma série infinita de enunciados diversos” (NIDA, 1964, citado por BARBOSA, 2004, p. 32). Defende que esta visão é essencial para o tradutor, que ao traduzir não deve apenas comparar as estruturas correspondentes nas duas línguas. Por entender a língua como “um código comunicativo”, Nida (1964) procura estabelecer a natureza do significado. A partir desta visão sobre a língua, o teórico apresenta o primeiro “modelo operacional” da tradução, que é dividido em três etapas:

- 1) redução do texto original a seus núcleos (*kernels*, cf. Chomsky, 1957) mais simples e semanticamente mais evidentes.
- 2) transferência do significado da LO para a LT em um nível estruturalmente simples e
- 3) geração de uma expressão estilística e

semanticamente equivalente na língua da tradução. (NIDA, 1964, citado por BARBOSA, 2004, p. 33)

Afirma, ainda, que existem dois tipos de equivalência, a formal e a dinâmica. A primeira preza pelo conteúdo e pela forma do texto original e é caracterizada pela produção literal desse original. Já a dinâmica tem como objetivo realizar um efeito equivalente na tradução, de modo que o texto traduzido soe naturalmente na língua na chegada, estabelecendo uma relação entre receptor e mensagem, que seja a mesma que ocorreu entre a mensagem e os receptores originais. Com a equivalência dinâmica, não é necessário que os receptores conheçam a cultura original para entenderem a mensagem do texto. Segundo Carmo (2011, p. 131),

uma tradução livre torna-se uma tradução cultural, ela busca equivalência de significado e não equivalência de palavras, sendo, também, por esse motivo e nesse sentido, considerada democrática.

Já para realizar uma tradução formal, o profissional deve se basear na cultura do leitor, no contexto em que ele está inserido para que essa tradução faça sentido para aqueles que irão lê-la, mas sem alterar o significado do texto original. Como diz o teórico Heidermann (2001), o tradutor fará a mediação entre o autor do texto original e o leitor do texto traduzido, o que deve ser seu objetivo.

Para que esse objetivo seja alcançado, Gabel e Wheeler (1993) realçam o fato que diversos leitores necessitam da tradução para terem acesso ao texto e afirmam que, assim sendo, tais leitores dependem de algumas habilidades do tradutor, como o conhecimento destes das línguas originais em que a Bíblia foi escrita, os aspectos históricos e culturais e suas questões religiosas.

A tradução desses escritos os tornou acessíveis para muitos que eram considerados, no período da Reforma, leigos. Assim, juntamente com o acontecimento da Reforma Protestante, o princípio da interpretação particular surgiu e possibilitou que todos os cristãos pudessem ler e interpretar a bíblia de modo particular. Esse princípio, porém, não permite que as interpretações feitas distorçam o que a Bíblia diz ou sejam realizadas de maneira errônea. Como consequência desse princípio, a hermenêutica<sup>5</sup> desenvolveu algumas regras de interpretação a fim de evitar que os textos bíblicos sejam lidos e entendidos de uma maneira errada. Sproul (2009) explica em seu livro que a principal regra pode ser a analogia de fé, que defende a interpretação da Bíblia por ela mesma, Sproul (2009, p.77) afirma que

---

<sup>5</sup> Segundo Sproul (2009, p. 46), a hermenêutica “receita o processo pelo qual buscamos entender a mensagem.”

“O que não está claro, ou então obscuro em um lugar, pode ser esclarecido em outro”. Para que essa interpretação seja feita, as diferentes formas literárias pelas quais a Bíblia é escrita devem ser respeitadas. Portanto as narrativas históricas devem ser interpretadas e analisadas de uma maneira, enquanto as poesias, de outro.

Lutero (citado por LAWSON, 2013) defendia que a Bíblia deveria ser interpretada de maneira literal e que os significados das palavras das Escrituras deveriam ser determinados de modo claro, direto e literal, ou seja, “a Bíblia deve ser interpretada de acordo com a maneira em que está escrita. [...] embora um texto possa ter uma variedade de aplicações, ele tem um só sentido correto” (SPROUL, 2009, p. 47). Lutero (1955) também se preocupava com a intenção do autor do texto e em utilizar o método gramático-histórico, que sustenta a importância da utilização do contexto histórico em que as passagens foram escritas, assim como as estruturas gramaticais utilizadas no texto. Sproul (2009, p. 48) diz que “na Bíblia verbos são verbos e substantivos são substantivos”.

Assim como Lutero, Calvino (citado por LAWSON, 2008) defendia e utilizava a interpretação literal e o método gramático-histórico, insistindo em considerar as palavras das passagens em seu contexto histórico e estrutura gramatical para que ele pudesse chegar ao sentido desejado pelo autor. O autor também afirmava que ter que saber, primeiramente, os significados que a passagem teve para os contemporâneos de seu escritor antes de saber como explicá-la para o público de sua época. Logo, é visível a importância do tradutor e de suas escolhas em um texto sagrado e, como já dito anteriormente, considerado como regra de fé e prática na vida dos que creem na Bíblia, aumentando ainda mais a responsabilidade dos que a traduzem.

Finalmente, Arrojo (2013) afirma que o trabalho do tradutor é tão difícil quanto a do autor do texto original e que

aprender a traduzir significa necessariamente aprender a ‘ler’ [...], aprender a produzir significados, a partir de um determinado texto, que sejam ‘aceitáveis’ para a comunidade cultural da qual participa o leitor. (ARROJO, 2013, p. 76).

## **1.2 OBJETIVOS**

### **1.2.1 OBJETIVO GERAL**

Comparar as variações lexicais da Segunda Carta a Timóteo, capítulo quatro os versículos primeiro, terceiro, quarto, sexto, sétimo, décimo e décimo sétimo, com o intuito de verificar a predominância ou equivalência de determinados estilos tradutórios, sendo esses literal e livre e analisar as escolhas tradutórias das Bíblias que serão utilizadas no estudo.

### **1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Comparar as variações lexicais do objeto de estudo.

Verificar a predominância ou equivalência de determinados termos tradutórios.

Analisar as diferenças nos níveis gramatical e semântico, bem como verificar se as escolhas tradutórias remetem ao contexto sociocultural da época em que o texto foi escrito e do público-alvo atual, observando as escolhas dos tradutores de cada uma das Bíblias utilizadas no estudo.

## **1.3 METODOLOGIA**

Inicialmente, realizamos a revisão de literatura sobre o tema e uma análise dos textos lidos para coletar dados e teorias que auxiliassem no estudo e na análise do objeto de estudo da pesquisa, a Segunda Carta a Timóteo, no quarto capítulo do primeiro versículo ao dezoito. No processo de análise, utilizamos o método bibliográfico, tendo como técnica a documentação indireta. Separamos, por possuírem questões tradutórias que demonstrariam com nitidez nossa proposta, os versículos primeiro, terceiro, quarto, sexto, sétimo, décimo e décimo sétimo, para análise. Em seguida, buscamos o contexto histórico da carta escrita pelo Apóstolo Paulo e das Bíblias utilizadas na pesquisa. E então, o texto de Timóteo foi analisado em três traduções diferentes da Bíblia: Almeida Corrigida e Fiel, Nova Versão Internacional e a Bíblia de Jerusalém. Como as duas primeiras são mais utilizadas por evangélicos e a outra (BJ) por estudiosos, independentemente de sua religião,

abordamos os objetivos das traduções e a relação com o objetivo do texto original, tendo em vista o texto sagrado ser um texto sensível. E, por fim, verificamos a predominância ou equivalência como estilos tradutórios, sendo eles a equivalência formal e dinâmica, do teórico Nida (1964), bem como a tradução livre e literal, por Newmark (1988).

## 2.4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Para realizarmos esta análise, inicialmente, é necessário que nos reportemos ao perfil de leitor de cada uma das bíblias aqui estudadas.

A versão Almeida Corrigida Fiel (BÍBLIA, 2011) procura manter-se fiel aos textos originais utilizados por João Ferreira de Almeida (BÍBLIA, 1993), tanto na questão linguística quanto em relação às variantes utilizadas do texto recebido. Além disso, foi realizada uma mudança de vocabulários arcaicos para a norma padrão utilizada atualmente na Língua Portuguesa e a melhoria na tradução de alguns versos e tempos verbais vindos do Antigo Testamento. Seus tradutores procuraram uma maior precisão na tradução de alguns termos hebraicos e gregos.

No caso da NVI, segundo consta no prefácio de sua primeira edição (2003), ela se define como tradução evangélica, fiel e contemporânea. Seu público-alvo é o leitor moderno, para o qual pretende comunicar a Palavra de Deus com tanta clareza e impacto quanto no texto bíblico original. Desse modo, alguns trechos foram traduzidos com maior ou menor grau de literalidade, sempre objetivando a compreensão do leitor. Sua linguagem não se caracteriza nem por alta erudição vernacular, nem por um estilo muito popular. Em razão da grande diferença entre a sintaxe do português atual e a das línguas originais (hebraico, aramaico e grego), os versículos são organizados em períodos menores e a pontuação utilizada de acordo com a Língua Portuguesa atual. Trata-se, ainda, de uma versão útil tanto para o estudo aprofundado como para leitura pessoal ou para evangelização. Assim, o nível de formalidade da linguagem foi definido de acordo com o contexto.

Já a Bíblia de Jerusalém consiste em uma edição brasileira (1981), com revisão e atualização na edição de 2002), oriunda da edição francesa *Bible de Jérusalem*, assim chamada por ser fruto de estudos feitos pela Escola Bíblica de Jerusalém (*École Biblique de Jérusalem*). Sua tradução segue rigorosamente os originais, com a vantagem das introduções e notas científicas, as quais fazem dela

um livro de consulta para quem precisa usar passagens bíblicas como referência literária ou de citações. Interessante ressaltar que se em muitas traduções da Bíblia no Português, o nome de Deus vem como SENHOR ou Senhor no Antigo Testamento, nesta tradução, o nome de Deus aparece escrito como *lahwet*. Outro ponto digno de nota é a BJ ser considerada atualmente, pela grande maioria dos linguistas, como uma das melhores bíblias para o estudo de tradutores, pesquisadores, jornalistas e cientistas sociais, independentemente de seu credo.

Passemos, então, à análise das diferenças nos níveis gramatical e semântico, a fim de verificarmos se as escolhas tradutórias remetem ao contexto sociocultural da época em que o texto foi escrito e/ou do público-alvo atual, observando as escolhas dos tradutores de cada uma das Bíblias utilizadas no estudo.

ACF	1. CONJURO- <i>TE</i> , pois, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e <i>no</i> seu reino,
NVI	1. Na presença de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos por sua manifestação e por seu Reino, eu o exorto solenemente:
BJ	1. Eu te conjuro, diante de Deus e de Cristo Jesus, que há de vir julgar os vivos e os mortos, pela sua Aparição e por seu Reino:

Logo no início do versículo, fica explícita a primeira distinção tradutória: uma mudança na estrutura oracional, já deixando clara a proposta da NVI de tornar o texto bíblico mais próximo do leitor pretendido, aquele que vive no presente, utilizando uma variante padrão menos erudita.

Na sequência, a ACF apresenta a palavra “Conjuro-te” e a BJ, “Eu te conjuro” (no sentido de *suplico-te*), enquanto a NVI, no final, “eu o exorto (*encorajo*) solenemente”. De novo, a preocupação da NVI com o uso de um vocabulário e uma sequência frásica adequados a seu público. Sendo assim, realiza uma tradução dinâmica, como classifica Nida (1964), a qual tem como objetivo que o texto traduzido soe naturalmente na língua traduzida, estabelecendo uma relação entre receptor e mensagem que seja a mesma que ocorreu entre a mensagem e os receptores originais. Com a equivalência dinâmica, não é necessário que os receptores conheçam a cultura original para entenderem a mensagem do texto.

A primeira tradução também acrescenta a palavra “Senhor”, que pode ser a tradução de diversas palavras hebraicas, aramaicas e gregas. No grego, uma das palavras principais é *Kurios* que pode ser utilizada como adjetivo, significando “ter poder e autoridade”, ou substantivo, que tem como significado “senhor, mestre, dono” (PFEIFFER; VOS; REA, 2007). Aqui, temos a tradução, ao mesmo tempo, mais “fiel” e com um propósito religioso mais tradicional, bem de acordo com a época de Paulo: o Deus austero, o Senhor que deve ser obedecido e não simplesmente seguido. Portanto, uma tradução formal: que preza pelo conteúdo e pela forma do texto original e é caracterizada pela produção literal desse original (NIDA, 1964).

A NVI se refere à segunda vinda de Cristo como “por sua manifestação e por seu Reino” e a ACF traduz como “na sua vinda e no seu reino”. Pode-se notar também, que tanto na NVI como na BJ, a palavra Reino é grafada com letra maiúscula. Segundo o teólogo Russell Shedd<sup>6</sup>, a ideia do reino de Deus não é territorial, mas de autoridade real, portanto, é o seu reinado sobre pessoas que aceitam sua orientação em sua vida e querem fazer o que esse rei quer que elas façam. É o reinado de Jesus sobre a vida de seus súditos. O reino, então, veio na pessoa de Cristo e está em cada pessoa que recebeu o Espírito Santo ao ser escolhida por Deus. Sendo assim, a palavra “Reino” escrita com a letra maiúscula enfatiza a ideia desse reino de autoridade real. Na BJ, temos também a palavra “Aparição” grafada com letra maiúscula, posto tratar-se da aparição da divindade.

Interessante também observar o cuidado do tradutor, dado o propósito da NVI, em atingir um público menos erudito e mais atual, adequando a linguagem, tornando-a mais próxima do cotidiano do leitor pretendido.

ACF	3. Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo coceira nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências;
NVI	3. Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; ao contrário, sentindo coceira nos ouvidos, juntarão mestres para si mesmos, segundo os seus próprios desejos.
BJ	3. Pois virá tempo em que alguns não suportarão a sã doutrina; pelo

<sup>6</sup> Russel Shedd – **O Reino de Deus**. Palestra proferida por Russell Shedd em São Paulo, em agosto de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yBYVVameTVQ>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

	contrário, segundo os seus próprios desejos, como que sentindo comichão nos ouvidos, se rodearão de mestres.
--	--

Observa-se maior ênfase na tradução da ACF. A troca do “porque” pelo “pois” e do “mas” pelo “ao contrário” rompe, de certa forma, o tom solene da ACF. Também o acréscimo do artigo definido “o” – *Pois virá o tempo* -, implica uma ideia maior de certeza, de que esse tempo realmente virá. Outro ponto que observamos é a troca da palavra “tendo” por “sentindo”, a qual demonstra na versão enfática e até mesmo intimidatória da ACF, que os seguidores tinham já a tentação dentro deles (*a coceira nos ouvidos*), enquanto na NVI e na BJ, a opção pela palavra “sentindo”, abrandava esse tom acusatório, mais rígido, necessário, se for levada em conta a forma como Paulo agia e orientava, bem como as características da época em que a carta foi escrita. Do mesmo modo, ocorre com “concupiscências” e “desejos”, aquela, com conotação muito mais forte do que esta.

ACF	4. E desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas.
NVI	4. Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade, voltando-se para os mitos.
BJ	4. Desviarão os ouvidos da verdade, orientando-os para as fábulas.

Na tradução da NVI, há a presença o sujeito simples e declarado, “Eles” (mais próximo do estilo de fala e escrita de seu público). Idem no caso da troca de “recusarão a dar ouvidos”, no lugar de “desviarão os ouvidos”. Outra diferença notável entre as traduções é a utilização da palavra “fábulas”, que segundo o dicionário Mini Aurélio (2010, p. 336), significa “narração alegórica cujas personagens são, em regra, animais, e que encerra lição moral; lenda, ficção”, e “mitos” que significa “relato sobre seres e acontecimentos imaginários, acerca dos primeiros tempos ou épocas heroicas; narrativa de significação simbólica, transmitida de geração em geração dentro de determinado grupo, e considerada verdadeira por ele; ideia falsa, que distorce a realidade ou que não corresponde a ela; pessoa, fato ou coisa real valorizados pela imaginação popular, pela tradição”. A Bíblia de Genebra (1999) mostra em seu comentário que Paulo pode estar tratando das “fábulas judaicas” que eram parecidas com lendas que tratavam dos

personagens do Antigo Testamento e que são encontradas diversas vezes nos apócrifos judaicos.

ACF	6. Porque eu já estou sendo oferecido por aspensão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo.
NVI	6. Eu já estou sendo derramado como uma oferta de bebida. Está próximo o tempo da minha partida.
BJ	6. Quanto a mim, já fui oferecido em libação, e chegou o tempo da minha partida.

Nesses versículos, ocorre a mudança em “sendo oferecido por aspensão de sacrifício”, “sendo derramado como uma oferta de bebida”, “já fui oferecido em libação”. Essas expressões significam a afirmação de Paulo quanto à certeza de sua morte, do derramamento do seu sangue pela causa de Cristo, o qual está próximo. Segundo o Comentário Bíblico da NVI, “Ele afirma que sua vida está para ser oferecida como uma libação sobre um altar de sacrifício” (BRUCE, 2008, p. 2072). A palavra “libação”, apresentada tanto no comentário quanto em outras traduções da Bíblia, como a Almeida Revista e Atualizada, é parte da linguagem sacrificial do Antigo Testamento, quando o vinho era derramado no santuário como oferta para Deus. Então, Paulo entendia que sua morte seria uma oferta a Cristo (Bíblia de Genebra, 1999). Dessa vez, a adaptação tradutória da NIV, perdeu muito o sentido de libação, do sacrificial, extremamente necessário nesse momento clímax da carta.

ACF	7. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé.
NVI	7. Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé.
BJ	7. Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé.

A metáfora utilizada pelas traduções “Combati o bom combate” apresentam uma ideia de uma batalha, uma luta corporal, mostrando que a vida de Paulo foi um grande combate interno e externo. Tanto na ACF como na BJ, tal frase vem seguida de “acabei a carreira”, enquanto na NIV, “terminei a corrida”. Nas três, o pretérito perfeito do indicativo (acabei, terminei) traduzindo a certeza do tempo que finda. Mas se na ACF, assim como na BJ, temos carreira no sentido de missão, na NVI, ao utilizar o termo “corrida”, é feita uma metáfora com os combates nas arenas

romanas, quando haveria apenas um vencedor e a expressão “corrida” assume o caráter esportivo. Desse modo, Paulo, após o combate, poderia ser considerado o vencedor da “corrida”. Finalmente, a frase “guardei a fé” “sugere que fé aqui é o depósito do ensino cristão” (CARSON, 2009, p. 1967).

ACF	10. Porque Demas me desamparou, amando o presente século, e foi para Tessalônica, Crescente para Galácia, Tito para Dalmácia.
NVI	10. pois Demas, amando este mundo, abandonou-me e foi para Tessalônica. Crescente foi para Gálacia, e Tito, para a Dalmácia.
BJ	10. Pois Demas me abandonou por amor do mundo presente. Ele partiu para Tessalônica, Crescente para a Galácia, Tito para a Dalmácia.

Agora, observamos a força semântica da palavra “desamparou” em relação a “abandonou”. O vocábulo desamparo nos faz sentir a dor emocional e espiritual de Paulo. Sua profunda decepção com os companheiros. Já o termo “abandono” nos passa a ideia de algo mais material. Deixaram-no para seguir os prazeres do mundo. Também, na ACF, pode-se observar que foi utilizada a frase “amando o presente século”, enquanto na NVI e na BJ está escrito “amando este mundo” e “por amor do mundo presente”. As palavras “mundo e século”, neste caso, são sinônimas e se referem a tudo que se opõe a Deus, que está sujeito à corrupção e que oferece prazeres passageiros a fim de atrair as pessoas.

ACF	17. Mas o Senhor assistiu-me e fortaleceu-me, para que por mim fosse cumprida a pregação, e todos os gentios a ouvissem; e fiquei livre da boca do leão.
NVI	17. Mas o Senhor permaneceu ao meu lado e me deu forças, para que por mim a mensagem fosse plenamente proclamada e todos os gentios a ouvissem. E eu fui libertado da boca do leão.
BJ	17. Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, a fim de que por mim a mensagem fosse plenamente proclamada e ouvida por todas as nações. E eu fui libertado da boca do leão.

É visível como as escolhas vocabulares da NVI aproximam Deus do cristão: “Mas o Senhor permaneceu ao meu lado e me deu forças”. Não deu apenas

assistência, esteve junto e deu coragem a Paulo para que ele proclamasse a mensagem do Evangelho até o seu julgamento e que ao pregar em Roma, sua missão estaria concluída. É importante ressaltar que a frase “todos os gentios a ouvissem”, não devem ser interpretadas literalmente, mas sim como uma metáfora de que, ao pregar o Evangelho no centro do Império Romano, todos os gentios pudessem ter conhecimento a respeito do que Paulo pregou.

## **2 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa teve como objetivo comparar as variações lexicais da Segunda Carta a Timóteo (4:1, 3, 4, 6, 7, 10 e 17), verificando se houve uma predominância ou equivalência de determinados estilos tradutórios, sendo esses literal e livre. Para tanto, foram analisadas as escolhas realizadas pelos tradutores das Bíblias utilizadas no estudo, verificando se essas escolhas remetem ao contexto sociocultural da época em que o texto original foi escrito e do público-alvo atual de cada tradução.

Durante a análise, foi possível notar que as traduções da carta utilizada como objeto de estudo nas Bíblias - Almeida Corrigida e Fiel, Nova Versão Internacional e a Bíblia de Jerusalém -, empregaram de modo, razoavelmente equilibrado, tanto a equivalência formal como a dinâmica propostas por Nida (1964), mesmo que com públicos-alvo diferentes. Entretanto, a NVI, entre as Bíblias analisadas, é a que mais utiliza a equivalência dinâmica, já que procura equivalente na tradução para que o texto traduzido soe naturalmente na língua de chegada, diminuindo a dificuldade do leitor para entender a mensagem do texto (Nida, 1964). Isso, porque na referida tradução, a compreensão do leitor é fortemente almejada como forma de evangelização do público hodierno. Também, devido à diferença entre a sintaxe do português atual e a das línguas originais das escrituras, a organização dos versículos apresenta-se de maneira diversa, ou seja, os períodos são menores e a pontuação é utilizada conforme a norma padrão atual.

Vale ressaltarmos mais uma vez que, enquanto na tradução da NVI foi utilizada com maior frequência a equivalência dinâmica, na Almeida Corrigida e Fiel, bem como na Bíblia de Jerusalém a opção tradutória predominante foi a equivalência formal, que preza pelo conteúdo e pela forma do texto original e é caracterizada pela produção literal desse original (Nida, 1964). Mesmo preferindo a fidelidade ao texto,

é possível notar que a Bíblia de Jerusalém, que é considerada como uma tradução mais neutra, tem um maior equilíbrio entre os estilos tradutórios do que a Almeida Corrigida e Fiel, já que em alguns trechos dos versículos analisados, pudemos notar uma semelhança entre a tradução da NVI e da Bíblia de Jerusalém. Como esclarece Newmark (1988), para escolher um estilo tradutório é necessário levar em conta a função da linguagem que está no texto e sua finalidade e que para a tradução de textos sagrados, deve-se considerar sua sensibilidade e sua importância para os que creem neles como a única verdade, como a Palavra de Deus.

Quanto ao fato de na Almeida Corrigida e Fiel predominar a equivalência formal, é preciso lembrar que essa versão tem como compromisso manter-se fiel aos textos originais utilizados por João Ferreira de Almeida, por isso, o maior nível de formalidade na linguagem é perceptível. Mesmo com a realização de mudanças de vocábulos arcaicos para a norma padrão utilizada atualmente e a melhoria na tradução de alguns versículos e tempos verbais do Antigo Testamento, a fidelidade nas questões linguísticas e nas variantes utilizadas do texto recebido é nítida, utilizando uma tradução mais literal, definida por Barbosa (2004) como aquela que mantém a fidelidade semântica escrita, mas que realiza adequações morfossintáticas no texto traduzido para alcançar seu objetivo.

Finalmente, este estudo reforçou nosso entendimento de que, independente dos estilos utilizados, traduzir não é uma simples transcrição dos escritos de uma língua para outra. Mas sim, como afirma Heidermann (2001), uma mediação entre o autor do texto original e o leitor do texto traduzido.

## REFERÊNCIAS

- ARROJO, R. Oficina de tradução: a teoria na prática. São Paulo: Ática, 2013.
- AS ESCRITURAS Sagradas traduzidas para 2.935 idiomas.** Sociedade Bíblica do Brasil, 2016. Disponível em: <[http://www.sbb.org.br/wp-content/uploads/2016/06/forum\\_de\\_ciencias\\_biblicas.pdf](http://www.sbb.org.br/wp-content/uploads/2016/06/forum_de_ciencias_biblicas.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2018.
- AUBERT, F. A tradução literal: impossibilidade, inadequação ou meta?. Ilha do Desterro: a journal of **English language, literatures in English and cultural studies**. Florianópolis: Ed. UFSC, n. 25/26, p. 185-192, 1987. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/8971>>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- \_\_\_\_\_. **As (In)Fidelidades da Tradução:** Servidões e Autonomia do Tradutor. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- BARBOSA, H. **Procedimentos técnicos da tradução:** uma nova proposta. Campinas: Pontes, 2004.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada.** Tradução: Almeida Corrigida Fiel. 1 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011.
- \_\_\_\_\_. Português. **Bíblia Sagrada.** Tradução: João Ferreira de Almeida. 1 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1993.
- \_\_\_\_\_. Português. **Bíblia Sagrada** – Bíblia de Estudo de Genebra. 1 ed. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- \_\_\_\_\_. Português. **Bíblia Sagrada** – Bíblia de Jerusalém. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- \_\_\_\_\_. Português. **Bíblia Sagrada** – Nova versão internacional. 1. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2003.
- BIBLIOTECA de São Paulo. 10 livros mais lidos no mundo. **Portal do Governo**, São Paulo, 30 abr. 2013. Disponível em: <<https://bsp.org.br/2013/04/30/10-livros-mais-lidos-no-mundo/>>. Acesso em: 04 ago. 2018.
- BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI:** Antigo e Novo Testamento. Tradução: Valdemar Kroger. São Paulo: Editora Vida, 2008.
- CARMO, C. M. **Aspectos híbridos do discurso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) na mídia televisiva:** entre a religião e o marketing. 2011. 235f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- CARSON, D. A. **Comentário Bíblico:** Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CHAGAS, P. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.

GABEL, J. B.; WHEELER, C. B. **A Bíblia como Literatura**: uma introdução. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo, Loyola, 1993.

GOHN, C. Pesquisas em torno de textos sensíveis: os textos sagrados. In: PAGANO, A. (Org.). **Metodologias de Pesquisa em Tradução**. Belo Horizonte, FALE-UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_, C. Pesquisas em torno de textos sensíveis: os textos sagrados. In: PAGANO, A. (Org.). **Metodologias de Pesquisa em Tradução**. Belo Horizonte, FALE-UFMG, 2001.

HEIDERMAN, W. (org.). **Clássicos da Teoria da Tradução** (Antologia Bilingue, vol.1, alemão-português). Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

KARSHER, W. **Dicionário da Bíblia de Almeida**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999

LAWSON, S. T. **A Arte Expositiva de João Calvino**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Heroica Ousadia de Martinho Lutero**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013.

LOPES, M. M. M. **A sensibilidade na tradução bíblica**: aspectos linguísticos e socioculturais. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2008.

NEWMARK, P.. **A Textbook of Translation Hertfordshire**. New Jersey: Prentice Hall International, 1988.

NIDA, E. A.. **Toward a science of translating**: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating. Leiden: E. J. Brill, 1964.

PFEIFFER, C. F; VOS, H. F; REA, J. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2007.

SIMMS, K. (Org.). **Translating sensitive texts**: linguistic aspects. Amsterdam – Atlanta: GA, 1997.

SPROUL, R. C. **O que é teologia reformada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

SOUZA, J. P. **Teorias da tradução**: uma visão integrada. Rev. de Letras. Ceará: Ed. UFC, nº 20 – Vol. 1/2 – jan./dez., 1998, p. 51 - 67. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl20Art09.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

VEJAM SÓ. **Versões da Bíblia**: O que pesa mais, a exatidão ou a preferência pessoal?, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DJeCHxZG70>>. Acesso em: 01/04/18.

VENUTI, L. **Escândalos da tradução**. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Vilela, Marileide Esqueda e Valéria Biondo. Bauru, São Paulo, EDUSC, 2002.